

No insano amor, na louca guerra

Ville-sur-Mer, julho de 1941.

Ele e ela marcavam sempre encontro em lugares onde não pudessem ser descobertos. A falésia sobre o oceano, escolhida pelos suicidas para o último adeus; o cemitério de anónimos e de heróis, que ninguém ousaria visitar à noite; os campos de trigo, brilhando ao luar, como a pele dos jovens depois de fazerem amor.

Lugares longe da guerra, perto do silêncio. Onde se pudessem contemplar, olhos nos olhos, não como filhos de povos inimigos, mas como amantes; onde as mãos dele tocassem, tímidas como crianças, os joelhos dela; onde fosse possível beber vinho, rir, ler poemas proibidos e sonhar com o fim da guerra. Onde pudessem ser apenas eles: jovens, cúmplices, apaixonados. Eles.

Marie tem 16 anos; Hans cumpriu 18. A camponesa da Provença; o soldado relutante da Baviera. Descrevê-los deste modo, em tão breves palavras, parece-me redutor. No entanto, quero-os assim, iguais a qualquer menina e rapaz, em qualquer sítio, em qualquer época. Nos campos da Ucrânia ou nas ruínas da Palestina, ontem, hoje, onde houver quem ouse amar.

Mas não resisto à tentação de descrever os olhos escuros de Marie, o cabelo negro, a tez morena, os lábios de grená. Para atingir tais cores, foram precisos milénios de namoros e de casamentos; de raptos e de violações; da mistura de sangue de fenícios, romanos e francos. Uma mescla tão perfeita quanto a secreta combinação das fragâncias de um perfume.

Desde criança, Marie sentira-se destinada a um amor impossível. Porque todos os poemas de Alphonse de Lamartine, Alfred Vigny ou Louis Aragon lhe prescreviam tal destino. Ou porque nunca um jovem

lhe pronunciara as palavras que fazem tremer o chão. Só nas canções da rádio, alguém lhe dizia “amo-te”.

Por seu turno, Hans dificilmente corresponde ao ideal nazi do ariano. É alto, loiro e de olhos azuis, quase cinzentos, da cor do aço, é verdade. Contudo, não sonha com conquistas, nem subscreve os ideais da raça perfeita. Abomina o fogo das armas, odeia ter de matar outro ser humano e o seu sono é sobressaltado por pesadelos de um campo de batalha.

Antes da guerra, Hans entretinha-se com passatempos iguais aos de outros adolescentes: jogar futebol, colecionar cromos de atletas, espiar as raparigas à saída da escola. Os sonhos singelos: cursar engenharia em Munique, labutar numa empresa, casar com Sigrid, a namorada de infância, talvez ver as pirâmides do Egito, se amealhasse o suficiente.

Porém, a guerra chegou, como um raio a fender a meio uma árvore, numa tempestade. Hans recebeu o treino militar e seguiu destacado para França. Por seu turno, Marie, quando os alemães invadiram a vila, passou a angustiante noite em branco, na cama, abraçada à mãe, a tremer. O mundo de todos desabara.

Marie conheceu Hans na mercearia local, pouco após a tragédia. Este encontrava-se acompanhado por dois militares, a comprarem mantimentos. A adolescente detestava ir às lojas. Sentia os olhos cobiçosos dos soldados a despirem-na. Por isso, cabisbaixa e tão pressurosa quanto possível, depositou as laranjas acabadas de pagar dentro de um saco de pano.

Porém, com a pressa, um fruto caiu e rolou até às botas de Hans. Sem erguer os olhos, Marie deu dois passos em frente. Ia apanhá-lo, quando o jovem se antecipou. Pegou na laranja, entregou-lha e balbuciou, num mau francês:

“Mademoiselle, votre orange.”

Ambos coraram. A adolescente não agradeceu, pois as palavras ficaram-lhe encravadas na garganta. Os restantes soldados, gozões aos quais nada escapava, riram-se baixinho.

Marie sentiu-se aliviada, ao sair da loja. O sol de maio cegou-a, o vento morno despenteou-lhe o cabelo longo e negro. Caminhou, célere, para casa, cosida à sombra. Segurava ainda a maldita laranja. Depois, num acesso de raiva, esmagou-a até a polpa ficar em pedaços e o sumo, morno e pegajoso, lhe escorrer pela mão.

O soldado devia ser pouco mais velho do que ela. Não vira o militar, nem o invasor, nem o inimigo. Apenas o rapazito inseguro e polido. A voz dele ressoava na sua mente. E os olhos: como livrar-se daquele azul inocente? Ao atravessar a rua, quase foi colhida por um camião Citröen. Murmurou para si todos os palavrões que conhecia. Eram apenas três.

O plano de Hans para a guerra? Somente um: sobreviver. Fora esta a promessa solene feita à mãe, à irmã e a Sigrid, na estação de caminho de ferro, antes de ser levado num comboio militar. Para tanto, bastar-lhe-ia cumprir o seu dever, mesmo se tal lhe revoltasse o estômago, e nunca, mas nunca, perder a fé perante as adversidades.

Porém, Cupido surpreendera-o. A “menina da laranja” – assim ele lhe chamava, antes de saber o seu nome – ocupava-lhe os pensamentos, como a água que tudo invade, através da mínima fresta. No beliche, Hans não cessava de pensar no rosto oval da jovem, na silhueta esguia, no vestido branco, quase feito de luz, na delicada timidez, na laranja rolando, célere, até si. Riu-se.

Afastando a ideia, pegou num caderno pautado e, com a caneta de tinta permanente oferecida pela namorada, começou a redigir a carta semanal:

“Querida Sigrid...”

Três meses depois, num sábado de julho, Marie e Hans encontraram-se no seu refúgio, como era hábito. Na falésia, estendidos sobre a relva, os dois namorados contemplavam um mar tranquilo como azeite, sob o sol de prata e o riso louco das gaivotas. A natureza parecia alheia à guerra. Tanto que esta podia ser apenas uma ilusão.

Marie envergava um vestido branco e encontrava-se descalça, apreciando a frescura da relva. Hans, desfardado, usava uma camisa negra, calças escuras e sapatos baratos. Se alguém os visse, juraria serem inofensivos camponeses locais a namorarem, num dia tranquilo. Era precisamente esse, o objetivo.

“Hans, penso muitas vezes nisto: o que será de nós, quando a guerra terminar?”

O jovem deu uma longa passa no cigarro. Respondeu:

“Podemos ficar aqui.”

Marie riu-se da sua ingenuidade:

“Estás tolo? Iriam odiar-nos. Eu seria sempre a colaboracionista; tu, o invasor.”

“A princípio, talvez. Mas, com o passar dos anos, acabariam por nos aceitar.”

“Não no nosso tempo, não na nossa geração. Os franceses perderam pais, filhos, irmãos, amigos, vizinhos...”

“Os alemães também.”

“Mas o ódio vive, mesmo depois da guerra ter morrido. Sabes isso.”

Hans suspirou.

“Marie, e se fôssemos para a Alemanha?”

“Iriam desprezar-nos. Tal e qual.”

“Porquê?”

“Eu seria vista como um despojo de guerra. Tu, um traidor.”

Fitaram o Mediterrâneo. Ao longe, uma traineira era apenas um minúsculo ponto no imenso azul. O sol tépido foi descendo e a maré subiu, marulhando.

Fazia-se tarde. Marie regressaria à quinta e Hans tinha de se apresentar no quartel. O jovem aproximou-se do extremo da falésia e lançou fora o cigarro. Despediram-se com um beijo longo. A adolescente não teve coragem para lhe contar um segredo tão preocupante que a fazia dar voltas e voltas no leito.

Três dias depois, Marie marcou encontro no cemitério, um sítio inusitado, mas também o mais seguro. Arriscava a prisão, ao infringir o recolher obrigatório, ou até o fuzilamento, se fosse confundida com uma “partisane”. Nessa noite, Hans fazia a ronda. Cúmplice, o companheiro montou guarda à entrada.

Sentaram-se numa campa, junto ao muro, a coberto das sombras. Cheirava a ciprestes. Apesar de ser julho, a noite estava fresca e a brisa, vinda do mar, causava-lhes arrepios. Marie, com um vestido escuro, para se confundir com a noite, e um casaco de malha, negro, encontrava-se lívida. Ao vê-la assim, Hans perturbou-se:

“Que se passa?”

“Aconteceu!”, balbuciou ela.

“Aconteceu o quê? Estás doente?”

Os ombros da rapariga tremiam. Pronunciou uma palavra inaudível. O soldado teve de a abraçar e de aproximar o ouvido da sua boca. Marie reuniu todas as forças para dizer:

“Grávida.”

Hans engoliu em seco.

“Tens a certeza?”

“Sim.”

Quedaram-se em silêncio.

“E agora?”

Hans não sabia. Em pânico, os pensamentos carambolavam na sua mente como bolas de bilhar.

“Sim. E agora?”

Nessa noite e nas seguintes, nenhum deles conseguiu conciliar o sono. O plano, uma serpente deslizante, ia fazendo ninho neles, pouco a pouco.

Encontraram-se, mais uma vez, na falésia. Marie trouxera uma garrafa de vinho doce, da cave do pai. Beberam até se embriagarem e o mundo girar como um carrossel. Choraram. Riram. Perderam o fôlego. Sentiam-se avassalados por uma alegria esfuziante, quase obscena.

Marie aproximou a boca do ouvido de Hans e suplicou:

“Não me digas, quando for a altura.”

“Prometido.”

Dançaram mais, ao som de uma canção cantarolada pela adolescente. Beijaram-se com tanta força que os lábios de Marie se fenderam e ficaram em sangue. Hans provou-o. Doce como o vinho. A rapariga tropeçou e tombou na relva. Riram-se. Tentou erguer-se, sem êxito. Delicadamente, o namorado ajudou-a, quase perdendo, ele próprio, o equilíbrio.

Depois, abraçou a jovem. Marie soube: chegara a altura. Porém, não sentiu medo. Garantiu-lhe: amava-o. Posicionaram-se de frente para o Mediterrâneo, quase no extremo da falésia, sobre o abismo. Deram as mãos. Cerraram os olhos com força e avançaram um passo. Num momento, eram humanos; no instante seguinte, voavam, como anjos.

Livres e juntos. No insano amor, na louca guerra.

Posfácio: Como escrevo?

Publiquei mais de uma centena de contos, desde o livro *Foi amanhã* (1998) até ao mais recente, *O silêncio do mar profundo* (2025). Neles, percorri géneros tão variados quanto o “coming of age” (passagem à maioridade), o romântico, a ficção científica e, mais raramente, o terror, o histórico, o policial e a comédia.

Nesta viagem pela literatura, já longa, dou inteira razão ao escritor norte-americano Ernest Hemingway, vencedor do Prémio Nobel da Literatura, em 1954, quando afirmou, categoricamente, num artigo de *The Wild Years* (1962): “Somos todos aprendizes num ofício em que jamais alguém será mestre”.

Contrariamente ao expectável, com o passar dos anos, não se tornou, para mim, mais fácil enfrentar a temível (ou convidativa?) página em branco. Cada nova história constitui um desafio no tema (estarei a repetir-me?), na estrutura (qual a melhor forma de contar este enredo?) e no estilo (terei utilizado o “mot juste”, ou seja, a palavra certa?).

Neste percurso, fui aprendendo técnicas para construir personagens, inventar enredos, descrever a atmosfera dos lugares, etc. Ora as descobri por acaso, tropeçando nelas, ao ler os meus escritores diletos (J. D. Salinger, Shirley Jackson, Ian McEwan, Joyce Carol Oates, Stephen King); ora as assimilei através do estudo aturado de manuais de escrita criativa.

Nos meus livros *Introdução à escrita criativa* (2009) e *Manual de escrita criativa* (2012), partilhei tais técnicas, com exemplos e sugestões de exercícios. Transmiti-as através de dezenas de oficinas feitas

não só em Portugal, mas também na Universidade Complutense de Madrid, na Universidade de Manchester e na Universidade de Varsóvia.

Perante a miríade de técnicas existentes, pretendo, neste posfácio, debruçar-me acerca daquelas que *eu* emprego regularmente para elaborar os meus contos. Espero que esta autorreflexão seja útil para os leitores fruírem a minha obra e para os autores aprendizes melhorarem o seu trabalho, pois também através da leitura se aprende a arte da escrita.

Onde busco ideias para as minhas narrativas? A realidade fervilha de potenciais histórias, à espera que lhes dediquemos atenção e as desenvolvamos. Como afirmou o escritor e compositor Romare Bearden, “Um artista tem de ser como uma baleia nadando de boca aberta, absorvendo tudo até encontrar o que precisa”.

Passo cerca de sete horas por semana na estrada, com frequência antes do romper da aurora ou já tarde, na noite escura. Apenas eu, os meus pensamentos, o asfalto, a música ocasional no rádio. Este ambiente, por ser solitário e tranquilo, propicia ideias para histórias. Assim, cada viagem física pode ser uma odisseia pela imaginação.

Por exemplo, uma recordação de uma amiga lituana inspirou-me o conto “Outra noite, outra memória”; a pandemia suscitou “A rapariga que desapareceu nos livros”; o romance *Fahrenheit 451* (1953), de Ray Bradbury, levou-me a redigir “A rapariga que vagueava solitária como uma nuvem”. Aqui, no âmbito da intertextualidade, referi personagens da dita obra.

Não escrevo para jovens; porém, os meus contos são povoados por personagens adolescentes, por serem mais dramáticas, instáveis, desafiadoras. De facto, os verdes anos são pautados pela procura de identidade, pelos dilemas e contradições, pelo idealismo e pela constatação da crueza do mundo. Este livro é um exemplo disso.

Neste âmbito, dentre as figuras de papel e tinta que criei, destaco uma, surgida nos contos de *Uma canção de amor* e nos textos seguintes. É a jovem a quem os amigos chamam “Espírito”, por se vestir sempre de branco. Ama a poesia, filosofa acerca dos grandes temas da vida (o amor e a morte) e demonstra uma invulgar compaixão para com os seus pares.

Saliento a bela e trágica Didi (Deirdre Arden), falecida aos vinte anos, e que evoco em “Algumas raparigas só existem no inverno”, “O lento florir da neve”, “Não deixes o meu coração tombar na neve”, etc.

Já Edgar Allan Poe, em *The Philosophy of Composition* (1846), argumentava: “a morte de uma mulher bela é (...) o mais poético tópico do mundo”.

Outra personagem frequente nas minhas histórias é o homem solitário, vagueando pela noite, em busca da redenção ou de um gesto de amor. Em “Esta loucura de te amar”, por exemplo, um pai divorciado tenta, obsessivamente, recuperar o afeto da filha, perseguindo-a de automóvel e protegendo-a de eventuais predadores.

Por vezes, esta procura é protagonizada por um casal de namorados em fuga, espécie de Romeu e Julieta dos tempos modernos. Tal reificava-se nos dois adultos protagonistas de “O frágil silêncio dos icebergues”, escapando da violência doméstica, ou nos jovens de “A rapariga que contemplava o abismo”, cada um proveniente de um lar disfuncional.

Nas histórias do livro *Uma canção de amor*, e no conto “O silêncio do mar profundo”, deste volume, optei por escolher raparigas portadoras de uma deficiência física ou de um problema de foro psíquico. Nenhuma delas pede a compaixão do leitor; todas ultrapassaram, corajosamente, as limitações, e viveram histórias de amor felizes.

Para conceder o sopro da vida às minhas criações, utilizo a técnica da ficha de personagem. Tomo notas acerca da aparência (aspeto físico e vestuário), da principal qualidade e do maior defeito, da sua missão na história e de alguma particularidade interessante. Mesmo que não empregue todas estas informações, elas ajudam-me a *imaginar* o herói ou anti-herói.

Não gosto de revelar os estados de espírito ou maneira de ser das minhas personagens, recorrendo à caracterização direta, tecida pelo narrador. Prefiro que o leitor os deduza, através dos comportamentos, interações e conversas. A história “O que farias por mim?” constitui um exemplo disso, ao apresentar a multifacetada e jovem Espírito.

Dizia o poeta Johann Goethe que “Deus e o diabo estão nos detalhes”. Nas descrições das pessoas, incluo pormenores para ajudar o leitor a *imaginar* (literalmente, a criar uma imagem). Por isso, nos contos de *A rapariga que adorava finais felizes* ou neste livro, desço ao detalhe de referir os desenhos das *t-shirts* ou a marca das sapatilhas usados pelos jovens.

No que toca à construção da personagem, presto particular atenção ao diálogo. Para o tornar realista, *audível*, emprego falas breves, recorro

a interrupções do discurso por parte de outras personagens; uso linguagem simples, ou seja, adequada à faixa etária do falante; polvilho-o com alguma gíria e certos coloquialismos.

Uma curiosidade: sobretudo nos seis últimos livros, as minhas personagens raras vezes apresentam um nome (as exceções vão para animais, como os gatos Thietha e Batman ou o cão Totó, evocando *O feiticeiro de Oz*). Assim, cada leitor pode atribuir o *seu* nome ao protagonista, identificando-se com ele. Contudo, neste livro, quebrei essa regra, por razões práticas.

Com frequência, sinto que as minhas personagens ganham vida e, com esta, vontade própria. Já não sou eu que dito as peripécias do enredo ou o destino do protagonista. São elas que me conduzem pela mão, levando, ocasionalmente, a história por caminhos diversos dos que eu, como autor, traçara de início.

Após criar as personagens, ocupo-me do enredo, ou seja, dos eventos que constituem a história. Aprecio sobretudo os conflitos íntimos: a paixão incestuosa entre gémeos em “A história que eu não devia contar”; a consciência perturbada em “O que sentes quando a chuva cai?”; o trauma de guerra em “Queridos demónios”, etc.

Noutras ocasiões, centro-me no conflito interpessoal, o mais recorrente na ficção: a adolescente e o pedófilo, em “O diabo não dorme”, um conto de suspense que me deu particular trabalho, é um caso paradigmático. Simbolicamente, a jovem representa a virgem e a ingenuidade; pelo contrário, o indivíduo é astuto e demoníaco.

Para enfatizar o suspense, recorro à técnica do *crescendo*, termo importado da música, arte onde significa um aumento de ritmo, volume e intensidade. Para tanto, coloco obstáculos progressivamente maiores ao protagonista, para testar a sua coragem e princípios. Em “Três tarefas para cumprir antes de morrer”, cada missão é mais perigosa do que a precedente.

A “panela de pressão” é outra técnica que emprego: consiste em posicionar duas personagens antagónicas num espaço limitado, para as obrigar a interagir. O conto “O beijo do íncubo” decorre, sobretudo, no quarto de uma adolescente. Aí, esta enfrenta um ser mítico maligno e tenta, com coragem e sagesa, vencer o medo e evitar a violação iminente.

Presto particular atenção aos epílogos, pois revelam o destino da personagem e o sentido do enredo. Nos contos de *Nunca digas adeus*

ao verão, optei por finais sombrios. Já em *A rapariga que adorava finais felizes*, procurei desfechos que transmitissem esperança e um sorriso ao leitor. Parecia-me importante, na altura em que emergíamos da pandemia.

Quando possível, congeminho histórias que decorram num período breve, em horas ou mesmo minutos, como preconizavam os dramaturgos gregos e romanos: “O que farias por mim?”, por exemplo, desenrola-se em menos de meia hora, o que aumenta a tensão, pois a jovem protagonista corre perigo de morte para provar o seu amor.

Evito também a dispersão espacial, inimiga da unidade. A história “A doçura dos crocodilos”, que conta a humilhação de um beijo roubado e a vingança decorrente, passa-se junto a um rio. Por um lado, a paisagem cria um ambiente bucólico; por outro, propicia o isolamento da adolescente, impedindo-a de pedir ajuda.

Na descrição dos espaços, procuro sobretudo criar *ambiente*, ou seja, transmitir ao leitor uma impressão, seja ela de apreço ou de desagrado. Para tanto, recorro não apenas ao sentido da visão, mas também ao olfato e ao tato. Assim, viso propiciar ao leitor uma experiência mais rica e fazê-lo sentir que se encontra ali, junto às personagens.

Por exemplo, no conto “Flor silvestre na manhã de junho”, a natureza primaveril ressuma fertilidade e erotismo. Tal atmosfera potencia a exibição erótica da protagonista adolescente. Apesar de ter marcas de queimaduras, decorrentes de um incêndio na casa da infância, apresenta-se, nua, a um grupo de jovens, vencendo o trauma.

Privilegio a unidade de tempo e de lugar, pois entendo uma história como um todo conciso, onde não pode haver desperdício. Nos últimos seis livros, todas as narrativas ocupam, cada, quatro páginas A4 a espaço e meio, na fonte Calibri 11. Uma idiosincrasia, talvez; porém, este formato rigoroso ajuda-me a evitar excessos e a estruturar mentalmente as histórias.

De facto, saber escolher o que incluir e o que omitir nem sempre é tarefa fácil e requer espírito crítico e bom-senso: tudo tem um peso, num conto – mais do que sucede numa novela ou num romance. Cortar demasiado pode comprometer o realismo da personagem ou a inteligibilidade do enredo, arruinando a narrativa.

Em suma, a arte do conto é tão exigente quanto a do romance – ou mais ainda, pelo peso que uma personagem, um evento ou até mesmo uma simples fala detêm na narrativa. Num processo de aprendizagem contínuo, cada história que escrevo é sempre um degrau ou um tropeço, nesta loucura de levar a sério o que apenas existe no fingimento.

Índice

No insano amor, na louca guerra	11
Ao colo da luxúria.....	17
O silêncio do mar profundo	23
A rapariga que rezava para ter asas.....	29
Coragem de amar	35
Valeu como um beijo?	41
A Ilha dos Murmúrios	47
Álbum de recortes	53
A última das portas	59
Só tu eras a casa, o caminho e o destino	65
Minifiguras apaixonadas	71
A festa do fim do mundo	77
O labirinto de jade.....	83
Posfácio: Como escrevo?	89